

Mal-estar entre delegados

O julgamento dos agentes expôs divergências na cúpula da Polícia Civil. Vários figurões da corporação atuaram no processo como testemunhas. Entre as de acusação, estava o policial aposentado Dr. Michel (PEN). Na época do crime, o hoje distrital era delegado adjunto da 16º DP (Planaltina), unidade onde ocorreu o assassinato. Michel foi um dos policiais que assinou o inquérito com o pedido de prisão preventiva da dupla. O outro foi Davi Franco, que está aposentado, mas em 2000 atuava como cartorário da 16ª DP.

Os dois participaram de uma acareação durante o julgamento, pois não admitiram a autoria do pedido de prisão. Dr. Michel, vice-presidente da Câmara Legislativa, disse, em juízo, o que ontem, após a condenação dos policiais, repetiu ao **Correio**: "Não era o presidente do inquérito à época. Estou com a consciência tranquila, porque não pedi a prisão deles e falei isso na frente de todo mundo. Não estava convicto de que os dois policiais haviam cometido o crime". Davi também negou a iniciativa, impasse que, para o juiz, terá de ser objeto de investigação por suposto falso testemunho.

Entre as testemunhas de defesa dos agentes estava Wellington Luiz, que também é distrital e, atualmente, chefia a Secretaria de Condomínios do GDF. Na época do crime, ele era o vice-presidente do Sinpol, sindicato que presidiu por 11 anos. "Tenho plena convicção da inocência desses agentes. Essa sentença foi totalmente contrária à verdade às provas dos autos." Wellington se indispôs com o colega de Câmara por considerar que Dr. Michel errou ao pedir a prisão dos colegas. O diretor da Polícia Civil à época e ex-deputado federal Laerte Bessa e Adval Cardoso, diretor adjunto da corporação na gestão de Pedro Cardoso, também criticaram a postura do colega Michel, que se defendeu: "Só assinei o inquérito na época para proteger um delegado (Davi), que não queria assumir sozinho a responsabilidade pela prisão, mas eu não participei das investigações".